

CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO - vivências do Museu de Folclore

O Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular vem-se dedicando, desde sua criação (com o nome de Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro), em 1958, a pesquisar, documentar e difundir a cultura popular brasileira.

Integram o CNFCP o Museu de Folclore Edison Carneiro – MFEC, a Biblioteca Amadeu Amaral e os setores de Difusão Cultural e Pesquisa.

O Centro prioriza ações voltadas para a formação de público, entendendo nessa perspectiva que exposições, seminários, concursos são atividades propícias ao maior estreitamento da relação com a cultura popular e, conseqüentemente, do próprio Centro com seus usuários.

As pesquisas que desenvolvemos, os acervos que coletamos, as fotos e as gravações sonoras e visuais que realizamos sobre a imensa diversidade cultural deste país, ao logo desses mais de 45 anos de trabalho, só ganham sentido na medida em que o público os conhece, os toca, faz uso deles e os questiona. Este é o princípio que move o trabalho do CNFCP.

Como decorrência entendemos que todas as nossas ações têm uma preocupação educativa, mas a educação entendida como algo que acontece de forma permanente na vida de todo homem, algo que pode e precisa ser prazeroso.

Acreditamos que educação é resultado das práticas culturais dos grupos sociais. O próprio processo de ensinar e aprender revela essas práticas. Respeitá-las, fazendo-as conviverem, é construir cidadania. De algum modo, na relação com o

público, também ensinamos e aprendemos todos os dias, por meio de um **diálogo cultural permanente**.

Ou como afirma Carlos Rodrigues Brandão: “educar é fazer perguntas e ensinar, é criar pessoas em que a inteligência venha a ser medida mais pelas dúvidas mal formuladas, do que pelas certezas bem repetidas. Aprender é construir um saber pessoal e solidário, através do diálogo entre iguais sociais, culturalmente diferenciados”. (Angicos e ausentes: 40 anos de educação popular. Porto Alegre: MOVA, 2001)

Atuamos na perspectiva de que é a cultura que dá conteúdo à educação.

Cultura diz respeito à questão da identidade – “expressa nossa relação com a produção e a reprodução da vida; por isso vem do verbo cultivar. Interpreta e define nossa relação econômica, política e social com o mundo. É como nós trabalhamos, comemos, pensamos, nos vestimos, organizamos, sentimos, escolhemos nossos amores, amamos, nos divertimos, refletimos, lembramos, falamos, rimos, choramos, transamos, nos vemos, educamos nossas crianças e enterramos nossos mortos. É como entendemos a nós mesmos no mundo e como vivemos esse entendimento”. (Derry Frontline, 1988)

Somos um país tão diverso, tão grande, com tantas expressões diferentes, com tantos jeitos de ser, de brincar, de conviver e rezar, que não podemos falar em uma única cultura, mas nas várias culturas que nos formam. São muitas as nações indígenas deste país, como muitos são os povos africanos que aqui chegaram; uns e outros nos influenciaram, tanto quanto a rica diversidade de expressões européias e de outras regiões que nos marcaram. A cultura popular não é outra

coisa senão isso tudo bem misturado e refletido nos muitos jeitos de ser do brasileiro.

Falar em cidadania para nós, portanto, implica necessariamente estabelecer uma firme relação com a construção de nossas identidades, com a intensa percepção quanto ao que somos e à sociedade em que vivemos. À medida que tomamos consciência dessas questões, que nos identificamos, que temos clareza de nossos traços culturais e que neles nos percebemos, passamos a valorizá-los e respeitá-los. A cidadania tem em sua base exatamente essa valorização, porque só somos capazes de exigir, cobrar e respeitar aquilo que conhecemos, que consideramos importante e que reconhecemos também como parte de nós.

A cultura popular é temática que favorece o trabalho educativo nessa direção. Permite uma aproximação com o estudante, facilitando a discussão sobre a idéia de cidadania. Esse caminho, a partir da cultura popular, é desafiador e instigante.

Um museu de cultura popular, que tem um caráter etnográfico como o nosso, favorece um olhar especial sobre a idéia do papel de um objeto museológico. Em 1988, ao analisar conosco uma de nossas experiências educativas, o projeto “A brincadeira do boi voador”, o filósofo José Américo Pessanha de algum modo nos instigou e nos provocou. Revendo a exposição permanente do Museu, ele observou: “em torno de cada objeto não há simplesmente um acontecimento tranqüilo; não há uma objetividade de onde se recortou alguma coisa; atrás daquele tear não existe apenas uma peça de madeira feita por fulano de tal; existe muito mais, existe toda uma situação humana, todo um problema humano, um trabalho humano, existe todo um modo de vida, um modo de pensar, toda uma consciência diante do mundo; existe toda uma afirmação que ao mesmo tempo

clama por seu direito de estar ali... mostra como ela tem sentido, mas indiretamente também denuncia tudo aquilo que a nega, que a rejeita e a sufoca, tudo que a impede de existir”.

Em todos eles um fio condutor comum: a cultura popular como patrimônio cultural vivo e em transformação, que se inscreve cotidianamente na história dos grupos sociais que formam a nação brasileira. São os próprios brasileiros, sujeitos produtores de sua cultura, que por meio de suas práticas de convivência inventam e recriam seu patrimônio cultural.

Acreditamos que é no diálogo cultural com os outros que vamos poder descolonizar nossa memória, nosso imaginário e nosso afeto e trabalhar de fato na construção dessa idéia de cidadania.

Os projetos educativos são desdobramentos dessas idéias. Um exemplo é o Olhando em Volta.

Sua proposta é revelar os bastidores do museu a partir de uma exposição que é organizada por um grupo de alunos, orientados por professores.

Olhar em volta significa para nós um olhar aguçado sobre o que às vezes está muito perto de nós e que nem sempre percebemos. Provocar um outro jeito de ver a cultura popular, buscando o sentido das expressões populares, de quem as produz. A idéia é também desvelar os bastidores de um museu, ou, como gostava de dizer José Américo Pessanha, mostrar a mágica.

A escola recebe objetos, fotos, textos, material de higienização de acervo, fichas de coleta e controle dos objetos. Seguem ainda livros e textos para apoiar o trabalho de pesquisa.

No módulo A, escolhemos trabalhar com artistas populares que já haviam exposto seus trabalhos na Sala do Artista Popular do CNFPC. Foram selecionados a partir

da matéria-prima com as quais trabalham – madeira, barro, papel, tecido, palha. São 30 peças reunidas em sete vitrines que oferecem aos alunos a possibilidade de conhecer as várias tarefas de um museu na realização de uma exposição: a escolha do tema, a pesquisa, a seleção de objetos, a informação veiculada, a montagem da exposição, a divulgação e o processo de controle de público, pelos livros de assinatura e opiniões.

No módulo B o tema são as festas populares brasileiras, reunindo conjunto aproximado de 100 objetos sobre sete folguedos tradicionais de algumas localidades do país.

No módulo C o tema é o trabalho e a relação do homem com ele. É agora a nossa menina dos olhos porque difere bastante dos outros dois. Diferença que é resultado de nossa experiência acumulada pelo uso do projeto por parte da escola.

Buscamos uma maior liberdade para que alunos e professores pesquisem para a estrutura da sua exposição, construindo o conhecimento sobre o tema por meio de suas vivências e interesses. Enfim, proponham seus argumentos.

Apenas uma provocação nossa, como bons argumentadores que somos todos nós que trabalhamos em museus. Escolhemos uma peça que é um estudante esculpido em barro, por um artista pernambucano, dentre os cerca de vinte e oito objetos da mostra, para com ela iniciarmos uma conversa sobre a idéia do que é trabalho.

Queremos aguçar, instigar e provocar outros olhares. O caminho, quem traça é a escola, na perspectiva da vivência de cada um, do entorno, das histórias da comunidade, dos sonhos e desejos que vão sendo explicitados.

Sem fórmulas, sem receitas prontas, o tema trabalho é apenas o início do caminho.

Só um texto serve de apoio no qual se delineiam algumas idéias – o trabalho na vida, a vida que dá trabalho, a vida sem trabalho, o lazer, o trabalho dos artistas populares – vai instigando para olhar o que está em volta, e isto é o mais importante.

Os alunos e professores fazem pesquisas em torno das experiências da comunidade, acrescentam à exposição seus próprios objetos e suas histórias. Buscam artistas e trabalhadores de seu bairro, recuperam vivências e experiências locais, trabalham identidade e diversidade.

Trabalham cultura popular e educação.

Constroem conhecimento, constroem argumentos, como nos museus, como no Museu de Folclore.

Os museus não simplesmente falam o discurso; eles persuadem, eles argumentam.

A primeira coisa a fazer, como apontou José Américo, se não quisermos ser mágicos, donos da verdade, donos da cultura, donos do sentido da história, donos do sentido da arte, é abrir o jogo e mostrar ao público a mágica e como ela é feita e como pode ser feita pelo outro.

É preciso oferecer espaço para que o público explicita seus argumentos, exponha suas idéias e diferenças e também as defenda como nós em nossos museus.

No caso da cultura popular, as mágicas são muitas e estão nos muitos olhares que podemos ter sobre ela.

Nota: *Olhando em volta - criado em 1993*

*- duas séries que atendem em torno de 20 escolas por ano – 200 escolas em 10 anos
25 estudantes por escola – 500 crianças diretamente envolvidas.
1000 crianças visitam – 1000 x 2 módulos x 10 anos = 20.000*

Lucia Yunes
Museu de Folclore Edison Carneiro
Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
IPHAN
Agosto de 2004

**Cultura Popular e Educação – Vivências do Museu de Folclore. In III
Encontro Regional da América Latina e Caribe – CECA / ICOM, São Paulo:
FAAP, 2004.**

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.